

O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet

The domestic universe in the era of extimacy: In the arts, in the media and on the Internet

Paula Sibilía

Professora do PPGCOM e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF. Pesquisadora bolsista do CNPq e da FAPERJ, é autora dos livros *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (2002), *O show do eu: A intimidade como espetáculo* (2008) e *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão* (2012). É mestre em Comunicação (UFF), doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ) e em Saúde Coletiva (UERJ), com pós-doutorado na Université Paris VIII.

E-mail: paulasibilia@gmail.com

SUBMETIDO EM: 09/03/2015

ACEITO EM: 22/05/2015

DOSSIÊ

RESUMO

Este artigo analisa algumas mudanças que afetaram, em anos recentes, as relações modernas entre o espaço doméstico, a intimidade, o âmbito privado e a esfera pública, procurando compreender o papel desempenhado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação. Além de focalizar certas manifestações midiáticas que dão conta dessas transformações históricas, são examinadas algumas expressões artísticas que as problematizam, sempre com uma perspectiva genealógica tendente a detectar processos mais profundos de reconfiguração das subjetividades que participam desses fenômenos.

PALAVRAS-CHAVE: Intimidade; Visibilidade; Subjetividade; Artes; Mídias.

ABSTRACT

This article analyzes some changes that affected, in recent years, the moderns relationships between domestic space, intimacy, private field and the public sphere, seeking to understand the role developed by digital technologies of information and communications. Besides focusing some media manifestations that express those historic transformations, some artistic works are also examined, always throughout a genealogical perspective aiming to detect deeper processes concerning the reconfiguration of the subjectivities that participates in the phenomena.

KEYWORDS: Intimacy; Visibility; Subjectivity; Arts; Media.

Exibir-se é difícil para aqueles que não se sentem bem com seus próprios corpos. Eu poderia ter sido mais humilde; mas se tivesse sido mais humilde, não teria sido uma artista.

Hannah Wilke

Minha paranóia da nudez era o pudor, hoje é a de estar gata.

Maria Ribeiro

INTRODUÇÃO: A INTIMIDADE NÃO EXISTE MAIS?

Nunca foi tão fácil ter acesso ao espaço doméstico alheio, algo que hoje nos é oferecido de formas extremamente variadas. Até pouco tempo atrás, de fato, a única maneira de entrar nesses recintos privados que albergam a intimidade dos outros era formando parte de um círculo restrito de afetos e laços familiares. Ou por invasão, embora isso só acontecesse de modo marginal e muito menos canônico. Essa intrusão violenta em tais universos podia ser explícita: derrubando portas ou janelas com o peso da lei, como no caso das perícias policiais, ou então violando os trincos para transgredir de modo ilícito as regras básicas do convívio cívico, como fazem os ladrões e outros delinquentes. Mas também podia se tratar de uma infiltração sub-reptícia bem mais sutil, quase sempre furtiva e clandestina, como acontece ao espiar pelo olho da fechadura ou quando se capta alguma cena – de propósito ou por obra do acaso – através de uma janela indiscreta.

Tudo isso continua vigente, é claro, mas o leque tem se ampliado enormemente: agora é imensa a variedade de opções de que dispomos para ingressar a tais espaços, cujas fronteiras parecem ter se tornado um tanto porosas. Muitos artistas vêm se concentrando neles, por exemplo, convertendo-os em sua matéria prima para efetuar as mais diversas indagações estéticas, inclusive ultrapassando nessa busca certos limites morais que antes se consideravam intransponíveis. E também estão os meios de comunicação, que nos últimos anos parecem ter perdido quase todos os antigos pudores na hora de focar o âmbito doméstico de seja lá quem for. Ainda não se passaram duas décadas sequer desde que estouraram, em todo o mundo, fenômenos surpreendentes como os *reality-shows*, muitos dos quais se deleitam penetrando com câmeras e microfones naquelas esferas que antes se consideravam estritamente privadas e, por tal motivo, permaneciam bloqueadas a tamanhas intromissões. Além disso, têm se expandido até o paroxismo certos recursos mais tradicionais que costumavam ser minoritários, como as alusões à cotidianidade mais banal das “celebridades” ou mesmo das “sub-celebridades”, que hoje enchem um sem-número de telas de vidro e páginas impressas.

E, acima de tudo, está também a internet. Impossível não mencionar a rede global de comunicações neste rápido inventário, com seu caleidoscópio de relatos mais ou menos verídicos sobre uma infinidade de “vidas reais” que todos os dias circulam por seus meandros informáticos, desaguando um fluxo constante de palavras e imagens sobre o assunto. Entre estas últimas, predominam as agora famosas *selfies*, esses auto-retratos cuja principal – e cada vez mais desesperada – função consiste em disputar as atenções de todos os outros, procurando dirigi-las para o próprio rosto ou umbigo. Mas a exibição do universo particular de cada um não se esgota nesses primeiros planos que tanto abundam: há também toneladas de fotos de férias em família e comemorações de aniversários ou casamentos, imagens de ultrassom que mostram o bebê ainda por nascer dentro da barriga da mãe e calorosas manifestações de todas

as classes de sentimentos.

À luz dessas novidades, caberia se perguntar: o que aconteceu com a velha intimidade, esse espaço outrora tão apreciado e zelosamente resguardado? Será que perdeu relevância, está desaparecendo, já não importa mais? E, se for assim, por quê e para quê isso acontece precisamente agora? As respostas para esses questionamentos não são simples e, sobretudo, não deveriam ser dadas sem certos cuidados. Ao que parece, encontramos-nos no cerne de um turbilhão histórico, alimentado por ventos de todos os tipos – sociais, políticos, culturais, econômicos, morais – que ameaça não deixar nada em pé; ou, pelo menos, não da mesma forma em que estávamos acostumados. Assim, no trânsito do século XX para o XXI, vimos como se alteravam alguns de nossos valores mais básicos nesse terreno, aqueles que foram se assentando ao longo da era moderna; e, nessa mutação, foram se desmanchando uma série de crenças e convicções que pareciam bastante sólidas. Tudo isso vem ocorrendo a uma velocidade inusitada, sem que consigamos a calma necessária para poder metabolizar com o pensamento essas mudanças que, dia após dia, ajudamos a reforçar com nossas próprias ações.

A noção de intimidade não é universal nem eterna, como se sabe. Ela nasceu faz relativamente pouco tempo, no cingido território da cultura ocidental e em relação direta com aqueles âmbitos da existência que logo passariam a ser conhecidos de maneira inequívoca como “privados”, em contraposição à esfera pública que ficaria do lado de fora das paredes do lar. Tudo isso configurou uma série de novidades históricas naquele momento e, em seguida, tornou-se um arcabouço fundamental para sentar as bases do mundo moderno. Esse conglomerado de ideias e valores cintilou com força ao longo do século XIX, irradiando para o mundo a partir das metrópoles europeias em seu apogeu, mas conseguiu se manter mais ou menos incólume até a segunda metade do século XX em todos os domínios do Ocidente modernizador. Em termos algo elementares, pode se dizer que a intimidade era tudo aquilo que se desenvolvia no espaço privado – representado de modo ideal pelo lar burguês, essa apoteose do ambiente doméstico. E, por sua vez, esse aconchego que era ao mesmo tempo íntimo, doméstico e privado – com todas as sutilezas implícitas nas especificidades desses vocábulos – constituía uma esfera da vida que se opunha àquilo considerado seu contrário: o âmbito público.

Aqui retomamos, porém, a suspeita que nos convoca neste artigo: todas essas noções que ganharam a consistência de certezas quase inabaláveis nos últimos dois séculos, foram sacudidas nas décadas mais recentes. E embora a tentação do sentido comum seja grande, também parece claro que a responsável direta desse cataclismo não foi a internet, nem tampouco aquele conjunto de ferramentas que ainda costuma ser nomeado como “novas tecnologias” no campo da comunicação e da informação. Vários autores têm se debruçado sobre esse fenômeno, tanto no meio acadêmico internacional como no nacional -- de Gilles Deleuze (1992) e Christian Ferrer (2000) até Suely Rolnik (1997) e Fernanda Bruno (2014), para citar apenas alguns nomes representativos dessa reflexão. Em síntese, cabe notar que se trata de um movimento complexo que vem se gestando há várias décadas. Nessa perspectiva genealógica, que amplia e desloca sua mira para melhor abranger o quadro em análise, os artefatos técnicos mais recentes – tais como as redes sociais ou os telefones móveis com câmeras fotográficas e de vídeo incorporadas – são interpretados como um resultado desse processo histórico. Em vez de serem vistos de forma redutora ou apressada como a sua “causa”, portanto, eles constituem um sintoma dessas transformações mais pro-

fundas e determinantes, que vêm afetando fortemente os modos de ser e estar no mundo nas sociedades ocidentais. Em suma, foi precisamente porque tais mudanças já se assentaram suficientemente em nossa cultura, que esses aparelhos foram inventados e se popularizaram com tanta rapidez e eficácia.

Levando em conta esse vasto pano de fundo, cabe reiterar aqui a questão central que nos interessa neste artigo: o que restou, então, aqui e entre nós, daquela velha intimidade moderna? Não se sabe com exatidão e, assumindo a riqueza deste momento histórico de crise e transição, talvez seja prudente evitar as respostas categóricas, ao menos por enquanto, embora algumas pistas já comecem a se esboçar. O mais sensato seria convocar a maior diversidade possível de vozes para tentarmos compreender a nova situação: as iniciativas artísticas que se ocupam do tema, por exemplo, podem ser tão esclarecedoras como a reflexão sociológica, antropológica, psicológica ou da comunicação, visto que todas essas vertentes contribuem para enriquecer um debate que já se tornou tão urgente como iniludível. Se tudo está mudando tão de pressa ao nosso redor, partimos da premissa de que esse movimento histórico é consequência de certas lutas políticas e socioculturais – assim como estéticas e filosóficas – que se desdobraram ao longo da era moderna, com uma intensificação cada vez mais acelerada a partir dos anos 1960 e 70. No entanto, há também alguns ingredientes inesperados nessas mutações, que não parecem constituir o fruto mais desejado daquelas resistências que os séculos XIX e XX opuseram com coragem aos insistentes pilares da “moral burguesa”.

Daí a complexidade do panorama aqui em foco: o presente é um enigma em movimento, quase tanto como o futuro. E, embora nenhum dos dois seja o resultado inevitável de um passado facilmente objetivável, sempre é possível traçar certas genealogias capazes de oferecer alguns rastros significativos acerca de sua gestação e suas implicações. Assim, ao mapear as forças históricas que contribuíram para dar à luz o quadro atual – com todos seus imprevistos, suas complexidades e até mesmo suas contradições –, talvez possam ser identificadas algumas continuidades e rupturas cheias de sentido. Essas pistas, por sua vez, podem nos ajudar a entender o que está se passando agora: o que estamos deixando de ser e o que estamos nos tornando; e, muito especialmente, por que tudo isto está ocorrendo neste momento.

Mutações do público, do íntimo e do privado

Para começar a encarar esse desafio, contamos com algumas evidências cada vez mais insistentes sobre as mudanças em curso. Cabe lembrar que em seu período de glória, isto é, no auge da era burguesa, o espaço privado era um lugar dotado de uma função muito especial: acolher um acervo dos mais valiosos para os sujeitos modernos, algo que devia ser protegido por meio de sólidas paredes e graças a válvulas morais ainda mais potentes, tais como o recato e a discrição. Em suma, era um recinto onde cada um podia se isolar em silêncio e solidão. E não apenas isso: cada sujeito moderno precisava fazê-lo com cotidiana regularidade. Desse modo, criavam-se as condições mais adequadas para desenvolver um conjunto de atividades e atributos que se acreditavam de grande importância para os indivíduos assim constituídos; e que, justamente por isso, não deveriam se expor aos olhares alheios.

Embora nada disso pareça estranho para nós, já em pleno século XXI, percebemos que alguns dos alicerces que sustentavam essas convicções têm se deslocado e talvez es-

tenham se alterando profundamente. Um forte indício dessas mutações é o fato de que, de um modo crescente, em vez de se apresentar como o reino do secreto e do pudor, hoje o espaço doméstico costuma extrapolar as barreiras que o resguardavam para subir aos palcos midiáticos e artísticos com o objetivo de se mostrar no âmbito público. Assim, dos modos mais diversos e por toda parte, com diferentes graus de eficácia estética e política, vemos como a esfera íntima se converte numa sorte de espetáculo íntimo. Um teatro, ou mais geralmente uma janela em forma de tela eletrônica, onde cada um tenta se exibir da melhor maneira possível, de frente e perfil – ou seja lá como for – para montar a performance do que se é. Em muitos casos, esse esforço por projetar o show da própria personalidade na maior quantidade de vitrines persegue uma meta que tem se tornado inquestionável, embora até pouco tempo atrás teria sido considerada um tabu de mau-gosto: a de se auto-promover conquistando um bom número de “seguidores”, visualizações, comentários, cliques no botão “curtir” e outros sinais de sucesso inspirados na lógica do espetáculo e do mercado.

Em que pese às críticas e ironias que também proliferam, já estamos nos acostumando à generalização desse tipo de dinâmicas. Contudo, essa junção inaudita entre o público e o privado não deixa de ser problemática; e, por isso, ainda suscita toda sorte de perplexidades. Em princípio, essas fortes novidades não implicam o descarte nem a anulação de nenhum dos termos em jogo – público, privado, íntimo, doméstico – que, inclusive, até podem estar se exacerbando em alguns aspectos, inclusive no vigor de suas distinções ou de suas especificidades e barreiras. Mas há pelo menos uma parte das fronteiras que os demarcavam, outrora rígidas e incontestáveis, que agora parece estar se diluindo. E, de um modo mais panorâmico, complica-se todo o quadro devido a esse insólito emaranhamento de seus antigos sentidos, mesmo que as palavras permaneçam idênticas e continuem a ser utilizadas como antes.

Entre essas redefinições, por exemplo, notamos que se embaçam – ou, mais precisamente, tendem a se alargar – os limites do que se pode dizer e mostrar na esfera pública. Sobre tudo, a respeito de si mesmo, mas também no que se refere aos outros, sejam “famosos” ou não. Essa dilatação envolve mudanças bastante significativas no plano da moralidade, que geram polêmicas e debates a cada vez que se registra um novo avanço nessas ousadias; mas, em seguida, costumam ser assimilados com uma rapidez inusitada e se prepara o terreno para novas audácias. Ao observar esses movimentos, porém, não é raro que chegue a parecer que a barreira do pudor desabou de vez, arrastando consigo os antigos recatos destinados a proteger a intimidade. Cabe lembrar que, em sua época de maior prestígio, essa muralha não era somente física – encarnada nas paredes e nas portas ou nas cortinas do lar, por exemplo – mas tinha também uma consistência de ordem moral. Para além das resistências e transgressões sempre atuantes, o decoro e a discrição operavam como mecanismos de controle extremamente eficazes nos dois séculos precedentes. Esses protocolos discerniam de modo radical o que se podia fazer, dizer e mostrar no espaço público, por um lado, e no âmbito privado, por outro lado.

É evidente que nada disso funciona agora com a mesma pujança. Se não, seria impossível constatar o que hoje vemos por toda parte, quando a velha esfera da privacidade se exacerba a transborda nas diversas instâncias do âmbito público – seja nas telas midiáticas que se multiplicaram ou até mesmo nas ruas das cidades – sob a luz de uma visibilidade que não pára de aumentar e que, em ocasiões, chega a delirar com seus sonhos de transparência total ou de uma indiferenciação absoluta entre os velhos compartimentos. É o que sugerem certas práticas bem contemporâneas, tais com

os auto-retratos desprovidos de roupas, por exemplo, que tanto os “famosos” como os anônimos costumam divulgar nas redes sociais da internet, incluindo nessa tendência o já bastante prolífico gênero conhecido como “pornografia amadora” e, inclusive, os novíssimos protestos que recorrem à nudez como ferramenta política de ação urbana, tais como Femen e Marcha das Vadias. Ou, então, as fervorosas declarações de amor e os lutos por mortes de seres queridos ou separações conjugais; em suma, todas essas alegrias e esses sofrimentos, grandes ou pequenos, que agora também vazam pelos canais midiáticos interativos em vez de se metabolizarem no pudico silêncio da privacidade de cada um, como costumava ocorrer até pouco tempo atrás.

De modo que não é somente a noção de intimidade a que se dissolve ou se redefine como fruto destas transformações históricas, mas também perde nitidez a fronteira que costumava separar esses dois âmbitos em que transcorria a existência de nossos antepassados mais imediatos: a esfera pública e o espaço privado. Para apreciar mais claramente de que modo tudo isso está mudando, vale a pena tentar reconstruir sua funcionalidade de antanho, com o intuito de contrastá-la com as novidades e identificar a filigrana de suas mutações. Nesse sentido, cabe pensar novamente nas paredes físicas, ou seja, nesses muros bem concretos que ainda separam o público do privado. Para poder desempenhar sua utilidade básica, esses blocos de tijolos devem ser maciços e opacos por definição, assim como os cortinados e as chaves das fechaduras; quer dizer, todas essas tecnologias que tiveram um papel fundamental na construção das subjetividades modernas. A divisão assim operada é importantíssima: o delicado equilíbrio e as conexões muito bem pautadas entre ambos os tipos de espaços – considerados opostos e excludentes entre si, embora sem dúvida complementares – serviam para estruturar os modos de vida que se ergueram como hegemônicos nas sociedades ocidentais dos séculos XIX e XX.

Muitos dos artefatos técnicos que se popularizaram no trânsito para o novo milênio, porém, têm aberto fendas na solidez desses muros, colocando em evidência a crise histórica que foi rapidamente esboçada nas páginas anteriores. Primeiro foram os computadores pessoais com acesso à internet que se introduziram nas casas familiares e, aos poucos, deixaram de se valer unicamente da palavra escrita para incorporar também câmeras de vídeo ou *webcams*. Esses dispositivos se tornaram capazes de mostrar para um público amplo – que potencialmente podia abranger milhões de pessoas de todo o planeta -- o que ocorria entre as paredes do lar. Primeiro, mais timidamente, as lentes apontavam para a escrivaninha de trabalho ou a sala principal das residências, mas aos poucos foram conquistando também outros cantos do espaço íntimo – que, assim, transmutava em éxtimo – tais como o quarto de dormir ou até mesmo o banheiro. Depois apareceram os computadores portáteis e os telefones móveis, que logo deixaram de ser um luxo de poucos para se converter no equipamento básico de qualquer cidadão do mundo globalizado, em todo momento e lugar, fornecendo-lhes visibilidade e conexão sem pausa.

Assim, a consistência das paredes que costumavam delimitar o espaço doméstico se viu impugnada de modos impensados, mas cada vez mais contundentes, graças à proliferação das redes informáticas que desconhecem qualquer limite – não só espacial, mas também temporal – e seduzem os usuários com suas possibilidades de contato permanente. A estratégia é sutil e complexa, porém, já que não implica a derrubada total dos muros nem a fusão das duas esferas outrora excludentes. O que está ocorrendo é bem mais complicado e, por isso, merece ser analisado com muito cuidado. Por um lado, as velhas paredes – com essa teimosia analógica que ainda as constitui

– se deixam infiltrar pelas ubíquas redes digitais e, em decorrência disso, acabam perdendo a antiquada eficácia do confinamento burguês. Cabe lembrar que esses métodos de trancamento mais ou menos voluntário não se restringiam ao famoso “quarto próprio” defendido ardentemente pela escritora britânica Virginia Woolf (1990) no início do século XX, como um dispositivo primordial para a constituição da subjetividade moderna, mas também residiam na medula de outros espaços vitais para esse tipo de sociedade, tais como a escola e a prisão, inclusive o cinema e o museu. Em todos eles, os rígidos muros eram fundamentais na divisão do espaço de dentro e o de fora, definindo funções e atitudes bem diferentes para os sujeitos que por eles circulavam.

Embora esteja claro que não são a sua causa, os aparelhos que permitem a conexão móvel e ininterrupta – atravessando tijolos ou grades como suma facilidade e desativando, assim, sua analógica dureza oitocentista – colocam em evidência essa crise do velho confinamento disciplinar (Foucault, 1997; Deleuze, 1992). Esse mecanismo de poder, que fora tão vital para as sociedades modernas da era industrial, vai ficando cada vez mais obsoleto com os avanços da lógica das redes, que tensionam e complexificam a antiga dinâmica das paredes (Sibilia, 2012). Contudo, por outro lado e ao mesmo tempo, acontece algo que complica a limpidez do panorama, desvanecendo as ilusões evolucionistas que ainda teimam em celebrar um processo histórico linear, de pura libertação das antigas amarras e opressões rumo a um mundo logicamente “melhor”. Ou mesmo as explicações aparentemente opostas, que assinalam uma regressão rumo a um regime mais asfíxiante ou “pior”. Acontece que, junto com todas as liberdades que se deflagraram na virada do século XX para o XXI, também passamos a contar com técnicas mais estritas para controlar essas fronteiras em aparente dissolução: por toda parte, recorre-se ao mesmo arsenal digital para reforçar a blindagem da privacidade diante da crescente “insegurança” que se associa ao espaço público, por meio de dispositivos bem atuais como as câmeras de vigilância e os alarmes eletrônicos, por exemplo.

Podem parecer contraditórios, mas esses dois movimentos se complementam: enquanto as velhas dicotomias se diluem e perdem – ou transformam – seus sentidos com a ajuda dos dispositivos informáticos, esses mesmos aparelhos são usados para robustecer de modos inéditos as antigas barreiras. Mas há um detalhe importantíssimo: essas funções são efetuadas de outros modos, partindo de novas premissas e perseguindo outras ambições. Assim é como se realiza no presente uma tendência que Gilles Deleuze (1992) vislumbrara há mais de vinte anos. Do que se trata? Daquilo que o filósofo francês batizara “sociedades de controle”, num breve e visionário ensaio publicado em 1990. Trata-se da gradativa implantação de um regime de vida inovador, que se distancia dos modos de funcionamento tipicamente modernos e industriais, isto é, precisamente, daquilo que Michel Foucault (1997) denominara “sociedades disciplinares” em seus estudos dados a conhecer nos anos 1970.

Essas novidades começaram a se delinear nas últimas décadas do século passado, com o apoio crucial das tecnologias eletrônicas e digitais, para configurar uma organização social mais compatível com o dinâmico capitalismo de finais do século XX e inícios do XXI, e também com os valores que se desenvolveram em seu seio. Como fruto de uma intensificação e uma sofisticação de suas versões precedentes, já com a automatização industrial bem avançada e absorvendo as resistências dos anos 1960-70 às opressões disciplinares, trata-se de um sistema comandado pelo excesso de produção e pelo consumo exacerbado, pelo marketing e pela publicidade, pelos fluxos financeiros em tempo real e pela interconexão em redes globais de comunicação. E, sobretudo, pela

decadência de certos estabelecimentos básicos da sociedade moderna, tais como a escola, a fábrica, a prisão e o hospital, enquanto a empresa acabou se entronizando como um modelo que passou a impregnar todas as demais instituições ao contagiá-las com seu onipresente “espírito empresarial”.

Talvez a casa, aquele ambiente quase sagrado que teve seu auge na era laica, cuja missão consistia em hospedar as atividades “privadas” das famílias nucleares ao abrigá-las no aconchego do espaço doméstico, inspirada de modo emblemático no lar burguês, também integre esse conjunto de instituições modernas que hoje estão em declive. Ou, pelo menos, ela atravessa uma metamorfose importante que ainda deveria ser investigada com mais atenção, agregando um novo capítulo àquela narrativa que o arquiteto canadense Witold Rybczynski teceu belamente em seu livro intitulado *A casa: História de uma ideia*, publicado originalmente em inglês em 1986. Isso explicaria, pelo menos em parte, a atual reconfiguração do espaço doméstico – e da ideia de privacidade a ele associado – que nos interessa entender aqui, com sua espetacularização crescente e a concomitante redefinição da antiga intimidade na reluzente extimidade.

Subjetividades visíveis e conectadas

É lógico admitir que os modos de ser e estar no mundo não são fixos e imutáveis, mas que eles também se reconfiguram em função dessas transformações de grande magnitude que concernem às formas de vida em sociedade. Por isso, é válido conjecturar que atualmente está se produzindo uma mudança histórica nos modos de construir o que somos, assim como nas maneiras de nos relacionarmos com os outros e com o mundo. Esse tipo de mutações acontece constantemente, pois parece óbvio que não é a mesma coisa “ser alguém” agora, neste planeta interconectado de princípios do século XXI, do que em pleno século XIX, por exemplo, ou então na Idade Média, na Grécia Clássica ou no seio de outras culturas não ocidentais. Contudo, essas transformações têm múltiplas faces e são difíceis de cartografar, sobretudo considerando a crescente complexidade das sociedades contemporâneas e, além disso, o fato de estarmos vivenciando uma delas neste exato momento.

No entanto, em meio a esse vórtice de mudanças que nos atingem de diversas maneiras, vale focar uma alteração atual com relação às formas modernas de ser e estar no mundo; ou seja, aquelas que configuraram um tipo de subjetividade que teve seu apogeu nos séculos XIX e XX, protagonizando a era burguesa e industrial, na qual a ideia de intimidade desempenhou um papel crucial. Estaria ocorrendo, agora, um deslocamento do eixo em torno ao qual se organiza o que somos. Trata-se de um movimento de “dentro” para “fora”; ou, mais precisamente, da interioridade oculta para o comportamento visível. Se a confluência oitocentista entre o racionalismo ilustrado e os arroubos românticos situou esse âmago da subjetividade numa entidade misteriosa e oculta conhecida como interioridade -- alma, espírito, psiquismo, inconsciente --, compreendida como um cerne vital onde se acreditava que morava a essência de cada indivíduo, toda essa explicação está perdendo força ultimamente para dar lugar a outras interpretações (Bezerra Jr, 2002).

No final do século passado e no início do atual, essa mudança veio à tona numa ampla variedade de sinais. Entre eles, a complexa agitação histórica evocada nas páginas precedentes parece estar deslocando esse eixo da subjetividade moderna. Como

resultado dessas transformações, já não nos construímos prioritariamente em torno daquele núcleo considerado interior, oculto e misterioso, embora mais verdadeiro e sólido que tudo o que os demais podem enxergar. Em vez disso, a definição de quem é cada um parece emergir, cada vez mais, do que se vê. Essa categoria inclui não só o aspecto físico e tudo aquilo que costumava ser considerado “vãs aparências” diante da contundência da “beleza interior”, mas também os próprios atos que se expõem ao olhar alheio. Em suma: não apenas a cobiçada imagem de si que cada sujeito consegue projetar, mas também a performance da própria vida. Por isso, considerando a crescente importância dessa visibilidade na construção do eu e no compartilhamento do que se é, não surpreende que nos últimos anos tenham proliferado as vitrines midiáticas e artísticas destinadas a canalizar tais demandas.

Em suma: não é por acaso que justamente agora se popularizaram tão intensamente as redes sociais da internet, por exemplo, com seus milhões de perfis em perpétua exposição. Essa infinidade de imagens e pequenos relatos pessoais que circulam pelas telas do mundo têm muito sentido neste contexto, assim como os reality-shows e os programas de fofocas da televisão, bem como as câmeras digitais que permitem fotografar ou filmar todos os instantes da vida cotidiana e mostrá-los de imediato seguindo as convenções estéticas do espetáculo. E, em particular, os telefones portáteis adjetivados como “inteligentes” ou smartphones, que não existiam há uma década mas agora não podemos viver sem eles, entre outros motivos porque “democratizaram” as condições para que todos possamos operar nessa sintonia, o tempo todo e em qualquer lugar.

Enquanto esse novo instrumental se expande a grande velocidade, porém, percebemos que entra em declive outro conjunto de ferramentas e características ou habilidades que prosperaram em épocas passadas. Para ilustrar esse processo, basta evocar algumas das tecnologias que integravam o menu básico do antiquado *homo psychologicus*, ou seja, daquele personagem que protagonizou os séculos XIX e XX. Desde o caderninho do diário íntimo e as epístolas com seus sobres lacrados, até as plumas e os tinteiros, por exemplo, inclusive o álbum de fotos ou a caixinha cheia de lembranças plasmadas em papel. Em síntese, todas essas materialidades que hoje exalam ares de outros tempos, assim como o decoro que envolvia a intimidade naquele contexto histórico já longínquo e os modos de se construir como sujeitos usando esses artefatos. Tudo isso parece estar, atualmente, em franca decadência.

Assim, ao observar o fenômeno a partir deste ângulo, considerando essa substituição de um instrumental técnico por outro – em particular, das ferramentas que se usam para edificar a própria subjetividade e para se comunicar com os demais –, não parece tão estranho que o espaço doméstico tenha subido ao palco e que, nesse estado de alta exposição, busque atrair o maior número de olhares possíveis. Nesse sentido, tanto o campo artístico como os meios de comunicação em geral – e a internet e as redes sociais em particular – constituem territórios de experimentação: uma paisagem que não só é imensa e cheia de diversidade, mas que além disso parece mudar e se expandir sem cessar. Por isso, às vezes temos a impressão de estarmos caminhando sobre arenas movediças, de modo que teorizar sobre o assunto resulta arriscado. Contudo, embora assumindo essas limitações e perigos, não há dúvidas de algo: os jovens do século XXI têm se tornado especialistas nesses ensaios, particularmente os artistas mais sintonizados com os vaivens do mundo globalizado, que costumam se apropriar desses mesmos recursos técnicos para tentar pensar o que está acontecendo e co-

laborar, de algum modo, com seu próprio aporte ao debate social.

Em muitos casos, esse tipo de peças artísticas circulam nos limites da legalidade, pois sondam o desajuste que se gerou entre a moral e a lei no que se refere às novas práticas; e, em particular, aos modos com que nelas se reformula a relação público-privado. Um desses casos é a obra *The others* (Os outros), de Eva e Franco Mattes, um casal italiano baseado em Nova Iorque. Trata-se de um vídeo composto de dez mil fotos que os artistas “roubaram” de computadores pessoais ao acaso, sem o conhecimento de seus proprietários, em 2011. Apesar do estatuto polêmico desse gesto, eles alegam que a obtenção das imagens “não supôs um ato de pirataria ou delito algum, mas foi aproveitada uma falha técnica do software que permite ter acesso a equipamentos do mundo inteiro”. No entanto, os próprios artistas e seus curadores esclarecem que o projeto explora intencionalmente certos vácuos legais e éticos, pois a intenção é “testar os limites do público e do privado, assim como a distribuição e a percepção das imagens pessoais”. De fato, as fotografias que compõem esta peça são do tipo que mais abunda nas redes sociais da internet, configurando um leque que vai do provocativo até o banal. Ao se apropriar delas sem ter sequer o conhecimento de seus autores e protagonistas, porém, e ao optar por exibi-las no espaço aberto do museu ou das galerias, os artistas “convertem o espectador num cúmplice voyeurista e questionam como o meio digital redefine as noções de privacidade, ética e propriedade” (Vicente, 2014).

Outro exemplo é a instalação intitulada *Wanna Play? Love in Times of Grindr* (Você quer brincar? O amor em tempos de Grindr), do artista holandês Dries Verhoeven, exposta em outubro de 2014 em Berlim. Para isso, o artista recorreu ao aplicativo Grindr, na época com cinco milhões de usuários em todo o mundo, destinado a facilitar encontros entre homens homossexuais por meio da geolocalização via “telefones inteligentes”. Verhoeven resolveu expor, em telas gigantes instaladas no espaço público das ruas, alguns dos diálogos (supostamente privados) que ele próprio mantinha em tempo real com diversos membros dessa rede, usando cinco celulares de modo simultâneo. “Durante quinze dias, minha vida terá lugar unicamente online”, explicou o artista antes de entrar em ação. “Vou contatar homens da vizinhança e tentarei incitá-los a satisfazer as minhas necessidades não sexuais”, continuava a explicação, “vou jogar xadrez com eles, tomar café de manhã, cozinhar, cortar as unhas”. A intenção dessa proposta era, ainda segundo o mesmo autor, montar uma espécie de “laboratório de pesquisas com o fim de estudar o modo com que a internet pode servir de novo ponto de encontro”, interrogando particularmente o que acontece com a “sinceridade” nessas arenas. No entanto, o fato de não ter pedido permissão nem avisar seus interlocutores foi mal-visto por muitos, que o consideraram um abuso. Assim, acusado de “violação digital”, o artista foi excluído da rede *Grindr* por “invasão da vida privada” e, cinco dias após o início da experiência, viu-se obrigado a suspender a performance, que contava com o apoio da Embaixada da Holanda na Alemanha e de um prestigiado centro cultural local (Ottavi, 2014).

Alguns anos antes do auge desse tipo de dispositivos que hoje conhecemos como “mídias sociais”, a artista japonesa Shizuka Yokomizo deu a conhecer a sua famosa série *Stranger* (Desconhecido), um trabalho considerado pioneiro na tematização das mutações que já estavam deslocando as fronteiras entre o espaço público e o doméstico. Trata-se de retratos de pessoas que se expunham nas janelas de seus lares para as lentes da fotógrafa, que se encontrava na rua ao disparar a câmera. As imagens foram realizadas entre 1998 e 2000, respondendo à convocação realizada por meio

de cartas escritas à mão e deslizadas sob as portas das casas habitadas por sujeitos desconhecidos. Uma década depois, já em pleno sucesso desses canais digitais para a construção da subjetividade e para a sociabilidade, Christopher Baker apresentou sua peça intitulada *Hello World! or How I learned to stop listening and love the noise* (Olá Mundo! ou Como eu aprendi a parar de escutar e amar o barulho), na qual reúne mais de cinco mil vídeo-diários extraídos de internet. “Cada vídeo da instalação consiste num indivíduo sozinho que fala com franqueza para uma potencialmente massiva audiência imaginária”, explica o texto do catálogo de uma das mostras em que a instalação foi exposta, em 2014 na Espanha, “desde um espaço privado, íntimo, como uma cozinha ou um dormitório” (Vicente, 2014). Uma vez deslocados para o espaço público do museu, o visitante pode escolher algum dos depoimentos para ouvir com atenção ou, então, mergulhar na multidão de vozes que falam de si ao mesmo tempo.

Enfim, os exemplos são inúmeros e não cessam de se multiplicar. Contudo, o que interessa destacar aqui é que todas as peças artísticas criadas a partir dessas inquietações, com sua inabordável diversidade, somam-se à intensa experimentação que atualmente acontece nesse campo. Afinal, tanto seus autores como seus interlocutores ou espectadores se vêm interpelados pelas fortes e esquivas transformações em andamento. Todos estamos envolvidos nesses processos históricos, como fruto dos quais -- e, também, contribuindo para causá-los -- geram-se formas subjetivas cada vez mais distantes daquele paradigma moderno do *homo psychologicus*. Ou seja, novamente: desse modelo de subjetividade típico da modernidade industrial e que, em última instância, foi responsável por inventar a própria ideia de intimidade, além de levá-la até sua exasperação, talvez inclusive até seu esgotamento prévio à presente reformulação.

Não é difícil identificar algumas características desse tipo de sujeito em nossos ancestrais menos remotos: pais e mães, avôs e avós, além de uma infinidade de referentes literários e cinematográficos, inclusive alguns atributos que nós mesmos ostentávamos num passado nem tão distante assim, mas que ultimamente tem caído em desuso. Não faz muito tempo, de fato, que os segredos íntimos costumavam ser cultivados exclusivamente no silêncio e na solidão daqueles ambientes que só podem ser imaginados como anteriores à popularização das redes informáticas. Entre os métodos mais usuais para realizar essas tarefas, recorria-se à leitura e à escrita, por exemplo, ou então à mera introspecção, embora quase sempre isso se fizesse com a ajuda de ferramentas analógicas como o lápis e o papel, as cartas e o livro impresso. Desse modo, refugiados em sua intimidade, esses seres de um passado mais ou menos recente construíam cotidianamente sua subjetividade em torno a um eixo situado “dentro” de si mesmos, como um tesouro pessoal e privado que estava firmemente afincado na própria interioridade. Em termos do sociólogo estadunidense David Riesman (1995), trata-se de um tipo de caráter social “introduzido”, cuja vigência histórica coincidiu com a modernização do mundo.

Assim como não é tão trabalhoso evocar hoje em dia essas imagens um tanto empoeiradas, tampouco custa muito contrastar os modelos de subjetividade que agora estão mais em voga com esse tipo “interiorizado” que brilhou no século XIX e durante a primeira metade do XX, e que agora estaríamos abandonando como a culminação de um processo que vem se acentuando vertiginosamente nas últimas décadas. Para reforçar este movimento genealógico do pensamento, inclusive, seria possível aludir a outros padrões de subjetividade que se distanciam ainda mais das configurações

atuais e que, por isso mesmo, podem servir para detectar outros indícios significativos das transformações históricas aqui em foco. Um exemplo seria o “homem público” que teve seu auge nas principais capitais européias no final do século XVIII e foi analisado pelo sociólogo estadunidense Richard Sennett (1989) em seu célebre livro *O declínio do homem público*, como uma figura que encarnava aquele ideal iluminista ainda não seduzido pelos abismos da interioridade oitocentista.

O *homo psychologicus*, porém, dotado de um caráter “introduzido”, está bem mais próximo de nós do que o *homem público* da época clássica. E isso não só cronologicamente, mas também porque -- além dos ingredientes racionalistas e universalistas defendidos pela Ilustração -- essa configuração subjetiva mais recente incorporou vários elementos provenientes da contestação romântica que foi se desdobrando naquela mesma época, como uma reação diante dos avanços mais totalitários da razão instrumental. Nesse conjunto de novidades daquele momento, cabe ressaltar as demandas de autenticidade e singularidade do eu, por exemplo, além de certa irracionalidade que seria constitutiva da condição humana, plasmada em conceitos como o do “inconsciente” freudiano. Ou seja, todos valores muito arraigados na ideia moderna de uma interioridade secularizada (Taylor, 1997). E tudo isso ajudou a nutrir também a tão prezada noção de intimidade, cujo teatro de operações privilegiado foi, sem dúvida alguma, o espaço doméstico protegido pelas sólidas paredes da privacidade.

Em contraste com essas vertentes que ainda nos constituem, mas que já vão ficando antiquadas, hoje se assentam outras crenças e valores, em torno aos quais florescem novos modos de ser e estar no mundo. O recém-citado David Riesman (1995) foi um dos primeiros em detectar e tentar mapear essa transformação no “caráter social”, para a qual cunhou a expressão “personalidades alterdirigidas” ou orientadas para “os outros”. Essas novidades são muito complexas e não estão isentas de contradições, mas de um modo geral elas respondem às demandas e pressões de nossa época, que também pode ser definida como uma “sociedade do espetáculo”, seguindo a célebre problematização de Guy Debord (2000). Por tais motivos, cabe deduzir que as novas construções subjetivas são mais “úteis” na contemporaneidade – recorrendo aqui ao vocabulário de um dos filósofos franceses antes mencionados, Michel Foucault. Lançando mão de sua densa teorização para colocá-la em sintonia com a atualidade, poderíamos dizer que os corpos que se configuram atualmente, afinados com as transformações históricas aqui comentadas, são mais “dóceis e úteis” para operar neste mundo e para fazê-lo funcionar com eficácia. Trata-se de subjetividades mais adequadas às formas de vida contemporâneas; ou seja, modos de ser mais compatíveis com a nossa sociedade e com as suas peculiares demandas nos diversos planos que demarcam as existências individuais: econômico, político, social, cultural, afetivo, estético e moral.

Assim, notamos que em lugar daquela subjetividade interiorizada que foi hegemônica até pouco tempo atrás, agora se desenvolvem formas que poderíamos chamar “exteriorizadas” de ser e estar no mundo. No entanto, esse termo provavelmente não seja o mais apropriado para nomear o novo fenômeno, já que supõe um interior que se exterioriza, algo que não parece ser o caso nestas novas manifestações. Em vez disso, o que está ocorrendo seria uma dissolução das velhas dicotomias que opunham essência e aparência, assim como um deslocamento dos antigos eixos e fronteiras. O mais significativo dessa mutação é que as novas subjetividades não se constroem a partir de um cerne considerado interior e profundo, oculto e impalpável, mas elas se realizam no campo do visível: performam suas existências na visibilidade. São modos

de ser e estar no mundo capazes de exibir o que são na superfície da pele ou das telas, com a valiosa ajuda dos novos recursos audiovisuais e interativos.

Cada vez mais, portanto, a “verdade” sobre o que é cada indivíduo abandona essa essência interior, sigilosa e íntima da subjetividade, e passa a se exibir. Se o alvo desse mostrar-se é sempre o olhar alheio, ele tem como cenário prioritário o próprio corpo: os gestos, a roupa, o aspecto físico, o estilo visual de cada um. Tudo isso agora parece delatar quem se é de um modo muito mais certo do que qualquer alusão a uma interioridade etérea e invisível. Por tal motivo, em vez das sondagens introspectivas que os diários íntimos ou as cartas e o álbum de fotos familiar alimentavam – ou, por que não, o psicanálise e a confissão intimista, enfim, todas essas técnicas modernas que se usavam para construir a subjetividade –, em vez desse tipo de olhar para “dentro”, portanto, agora se estimula de maneira crescente uma espetacularização do eu (Sibilia, 2008).

Incita-se uma constante estilização de si mesmo como um personagem visível e atraente: uma montagem inspirada nos moldes midiáticos, que seja capaz de conquistar uma audiência disposta a aplaudir e “curtir” o que somos, porque se trata de alguém que precisa se exibir para confirmar que existe e que é digno de atenção. Daí a proliferação de ferramenta disponíveis para consumir essa ambição tão tenaz hoje em dia: a pressão para modelar a própria subjetividade no campo do visível. Criam-se, assim, modos de ser e estar no mundo tão desprovidos das velhas crenças na interioridade individual como de boa parte dos valores antes associados à noção de intimidade. É claro que aquela essência interiorizada do século XIX também era uma invenção, com suas próprias premissas e ambições, suas contradições e suas utilidades históricas, suas refinadas delícias e seus enormes pesares. Contudo, e para além da sua óbvia condição cultural, algo parece digno de destaque: era uma criação bem diferente deste novo invento que se desenvolve hoje em dia. Se esse espaço hospedado “dentro” de cada um vai perdendo densidade, isso ocorre porque não é mais necessário hospedar aí a essência do que somos.

Conclusões: o espetáculo de si

Para concluir este breve périplo, cabe lançar ao ar uma questão final, que necessariamente permanecerá em aberto para continuar se desdobrando: o que é ser alguém hoje em dia e o que era ser alguém há um século atrás, quando a ideia de intimidade fulgurava com todo seu esplendor? Parece óbvio que aquele antiquado “quarto próprio”, o lugar mais acolhedor do espaço doméstico, ainda permanece como um ideal bastante desejado. Entretanto, a mudança pode ser sutil, mas é importante: agora ele está todo esburacado. Os outros têm acesso a esse cômodo supostamente privado, apesar das blindagens e de todos os demais controles eletrônicos, e embora os lares tenham redobrado a espessura de suas muralhas diante do crescente temor ao “inseguro” espaço público. Ao que parece, portanto, ainda haveria certa intimidade bem protegida na privacidade doméstica. Contudo, a solidez dessas paredes tecnicamente reforçadas se deixa infiltrar por uma quantidade inaudita de olhares tecnicamente mediados ou mediatizados, que atravessam os muros graças a esses cobiçados sinais de rede aos quais sempre buscamos nos conectar com diversos graus de ansiedade e desesperação.

É provável que tudo isto componha uma fase mais refinada daquilo que Guy Debord (2000) entrevira já faz meio século e que já foi mencionado nestas páginas: a “socie-

dade do espetáculo". Em plena agitação das rebeliões contra-culturais, esse autor notou que estava sendo engendrada uma nova configuração sociocultural, política e econômica, em cujo seio se desenvolveriam relações pessoais mediadas por imagens. A referência pode até soar um pouco anacrônica, pois quase nada do que este ensaio analisa teria sido imaginável no longínquo ano de 1967 em que Debord assinara tanto o seu célebre livro como um filme homônimo. Porém, o que sugerimos é que hoje estaria se consumando uma versão ainda mais intensa desse azedo vaticínio vislumbrado em meio às euforias das revoltas juvenis. Com ingredientes imprevistos, sem dúvida, mas é inevitável associar o que acontece agora àquilo que esse autor e ativista francês intuía, com furioso desdém, numa época em que recursos técnicos como a internet, as redes sociais e os telefones portáteis não habitavam sequer os relatos de ficção científica, mas as iniciativas artísticas que dispararam estas reflexões começaram a ensaiar seus primeiros passos para tentar colocar o conflito em cena.

Referências bibliográficas

BEZERRA Jr., Benilton. "O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica". In: PLASTINO, C. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002; p. 229-239.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: Vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DELEUZE, Gilles. "Controle e devir"; "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle". **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 209-226.

FERRER, Christian. **Mal de ojo: crítica de la violencia técnica**. Barcelona: Octaedro, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.

OTTAVI, Marie. **A Berlin, un artiste diffuse ses conversations Grindr sur écrans géants**, Libération, Paris, 8/10/2014.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ROLNIK, Suely. "Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização". In: LINS, Daniel (org.). **Cadernos de subjetividade**. Campinas: Papyrus, 1997.

RYBCZYNSKI, Witold. **La casa: Historia de una idea**. Buenos Aires: Emece, 1991.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: As tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: A construção da identidade moderna.** São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

VICENTE, Pedro (Ed.). **Asuntos domésticos.** Huesca, Espanha: Ed. Diputación de Huesca, 2014.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Círculo do livro, 1990.